

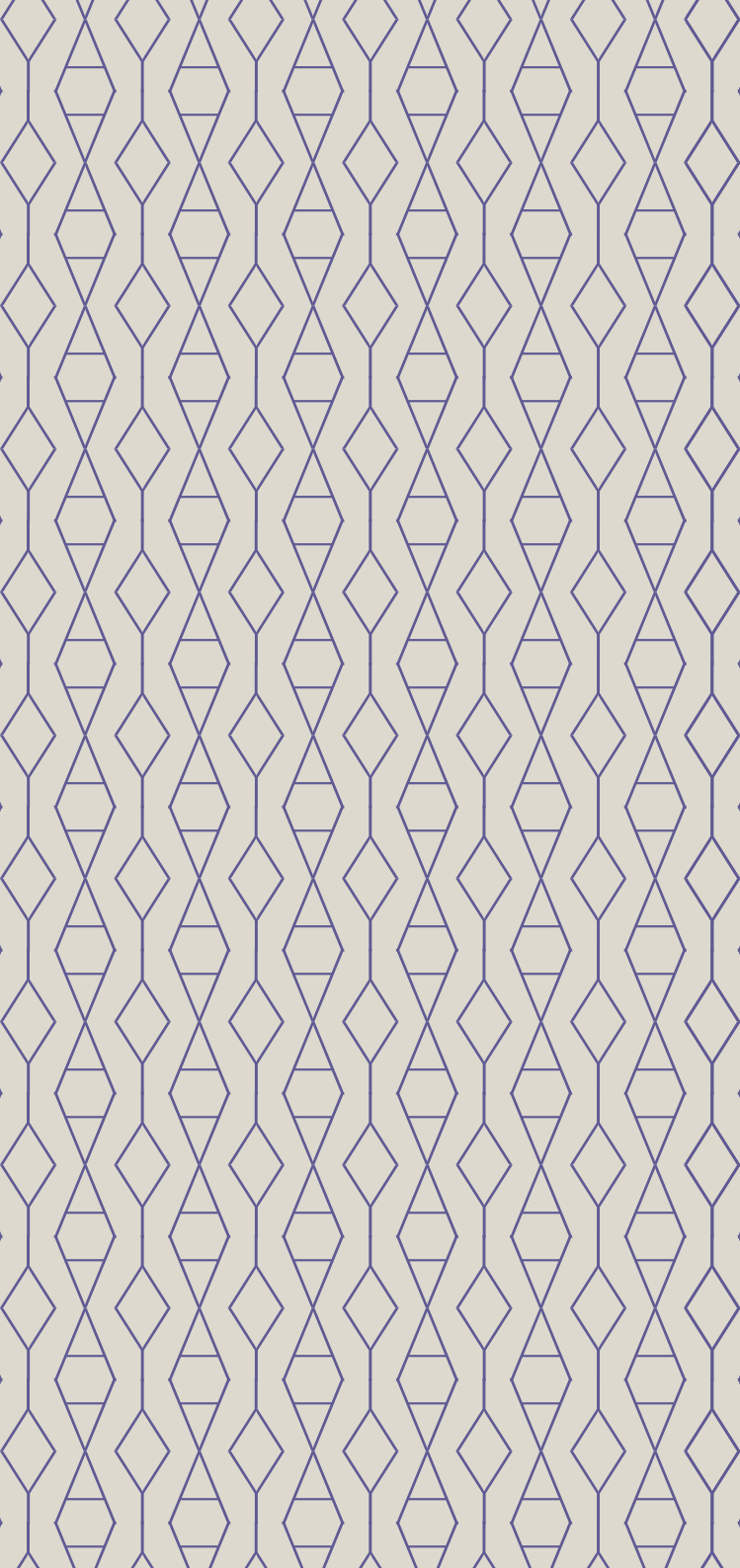


YAYÁ

COTIDIANO
FEMINISMO
DOENÇA
RIQUEZA

CENTRO DE PRESERVAÇÃO
CULTURAL DA USP
CASA DE DONA YAYÁ
2025







YAYÁ

COTIDIANO
FEMINISMO
DOENÇA
RIQUEZA

SÃO PAULO
2025

cpc

CENTRO DE
PRESERVAÇÃO
CULTURAL-USP

USP

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PRÓ-REITORIA DE CULTURA
E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

YAYÁ: COTIDIANO, FEMINISMO, DOENÇA, RIQUEZA

Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo
São Paulo, 2025

Concepção e coordenação

Maria Del Carmen Hermida Martinez Ruiz

Martha Marandino

Simone Scifoni

Joana Mello de Carvalho e Silva

Adaptação e revisão de texto

Ana Célia de Moura

Joana Mello de Carvalho e Silva

Maria Del Carmen Hermida Martinez Ruiz

Projeto gráfico e diagramação

Júlia Moraes Peredo

Gustavo Macedo Menossi

Conteúdo adaptado da exposição *Yayá: Cotidiano, Feminismo, Doença, Riqueza* (2022). Concepção, coordenação e curadoria por Maria Del Carmen Hermida Martinez Ruiz, Martha Marandino e Simone Scifoni.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Catálogo na Publicação
Universidade de São Paulo. Centro de Preservação Cultural.

Y35

Yayá: cotidiano, feminismo, doença, riqueza. / Coordenação: Maria Del Carmen Hermida Martinez Ruiz, Martha Marandino, Simone Scifoni, Joana Mello de Carvalho e Silva. — 1. ed. — São Paulo : CPC-USP, 2025.

PDF (87 p.) : il.

ISBN 978-85-85026-11-0

DOI: 10.11606/9788585026110

1. Patrimônio cultural. 2. Memória. 3. Mulheres. I. Título: Yayá: cotidiano, feminismo, doença, riqueza.

CDD 920

EXPOSIÇÃO YAYÁ: COTIDIANO, FEMINISMO, DOENÇA, RIQUEZA (2022)

Concepção, coordenação e curadoria

Maria Del Carmen Hermida Martínez Ruiz

Martha Marandino

Simone Scifoni

Pesquisa

Ana Célia de Moura

Beatriz Barsoumian de Carvalho

Cibele Monteiro

Cristiano Moraes da Trindade

Eliane de Lima Nunes

Ernesto José de Castro Candido Lopes

Gabriel de Andrade Fernandes

João Pedro Barbosa

Maria Del Carmen Hermida Martínez Ruiz

Simone Scifoni

Tatiana Nara Barp Emygdio

Vanessa Lima de Oliveira

Produção

Cristiano Moraes da Trindade

Bruna Gabriela Elias

Ewerton da Silva Vilela

Juan Dyego Marcelo Azevedo

Ilustrações

Gabriel de Andrade Fernandes

Karen Sayuri Takahashi

Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo

CPC-USP — Casa de Dona Yayá

Rua Major Diogo, 353, Bela Vista, São Paulo - SP

CEP 01324-001

www.usp.br/cpc | cpc@usp.br

facebook.com/cpcusp | [@cpcusp](https://instagram.com/cpcusp)



SUMÁRIO

apresentação 8

cotidiano 10

feminismo 28

doença 40

riqueza 72

APRESENTAÇÃO

Esta publicação é fruto de minuciosa pesquisa realizada para a exposição *Yayá: cotidiano, feminismo, doença, riqueza*, inaugurada em 2022 na Casa de Dona Yayá, com concepção, coordenação e curadoria de Simone Scifoni e Martha Marandino — que estavam à frente da direção do Centro de Preservação Cultural da USP — e da educadora Maria Del Carmen Hermida Martinez Ruiz. O objetivo era ampliar as pesquisas anteriores sobre Sebastiana de Mello Freire, conhecida como Dona Yayá, personagem que desperta muita curiosidade entre os visitantes da Casa onde ela morou entre 1920 e 1961, onde está sediado o CPC-USP.

As informações sobre quem foi Yayá, como se inseriu e atuou no mundo do qual fez parte vêm sendo recolhidas pelo CPC-USP em registros oficiais, publicações, relatos, notícias e imagens. Os dados coletados certamente possuem lacunas, dúvidas e imprecisões, mas trouxeram fatos novos, ora reforçando o que já havia sido publicado, ora revelando outras maneiras de

entender a Dona Yayá. Assim, pôde-se saber mais sobre suas origens, sua família, sua infância, sua juventude e sua vida adulta, além de outros aspectos interessantes desta personagem que pertenceu à elite paulista e que viveu entre o final do século 19 e meados do século 20. Por isso, para além de vestígios sobre a sua trajetória, as informações coletadas revelam também alguns dos ideais e hábitos da sociedade da qual a Dona Yayá fez parte e a forma como a cidade de São Paulo cresceu e se transformou ao longo do tempo. Sem a pretensão de ser exaustiva nem definitiva a narrativa que se apresenta neste volume, a partir de fontes, registros e evidências articuladas, entrelaçadas e sintetizadas, nas quatro entradas indicadas em seu título: cotidiano, feminismo, doença e riqueza. Assim, é com muita emoção que o Centro de Preservação Cultural da USP — Casa de Dona Yayá retoma o material desta importante exposição, adaptando-o para versão impressa para contar um pouco dessa história.

COTIDIANO



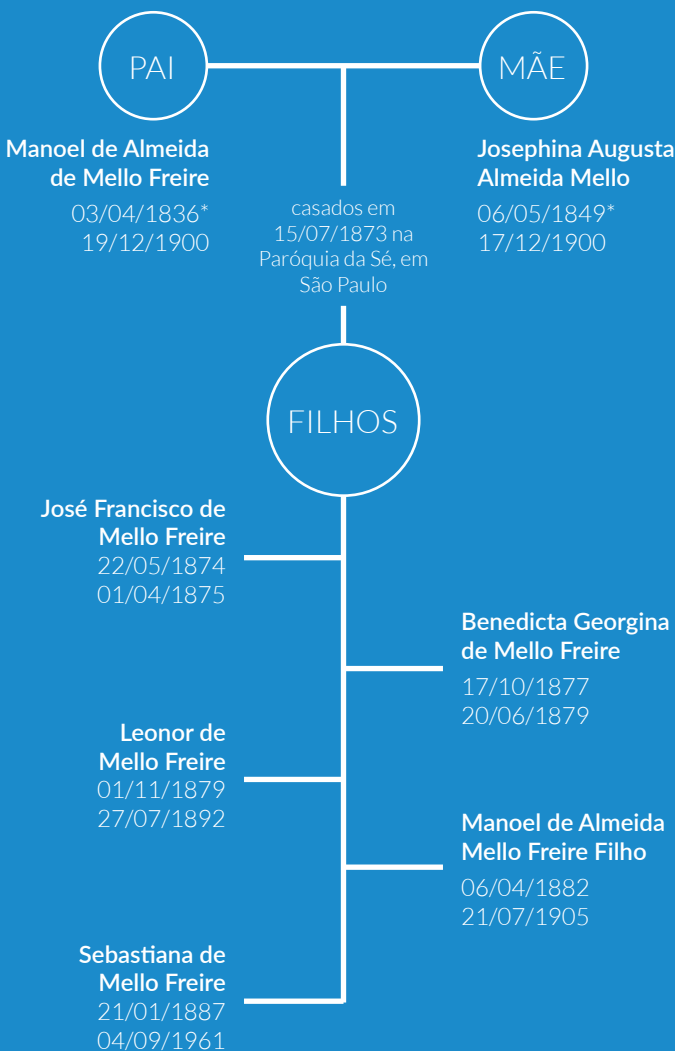
quem foi dona yayá?

Afinal, quem foi Dona Yayá? Quem foi Yayá e como ela se inseriu e atuou no mundo do qual fez parte?

Como qualquer narrativa, a que trazemos aqui não se pretende exaustiva e, naturalmente, é envolta por lacunas, dúvidas e imprecisões. Fontes, registros e evidências foram entrelaçadas e sintetizadas na busca de identificar algumas das facetas mais relevantes da história de Dona Yayá.

Por meio de informações recolhidas sobre suas origens, sua família, sua infância, sua juventude e sua vida adulta é possível contar um pouco sobre a vida dessa interessante personagem da elite paulista que viveu entre o final do século 19 e meados do século 20. Bem como sobre os hábitos dessa sociedade e a forma como São Paulo foi crescendo e se transformando ao longo do tempo.

família mello freire



* Datas estimadas

sebastiana, a yayá

Sebastiana de Mello Freire nasceu em 21 de janeiro de 1887 em Mogi das Cruzes, São Paulo, a caçula entre os cinco filhos de Manoel de Almeida de Mello Freire e Josephina Augusta de Almeida Mello. Era carinhosamente chamada Yayá, mais tarde, Dona Yayá. Tinha como madrinha uma aparentada de seus avós, Caetana Grant de Oliveira, a Nhá Caetana.

A menina Yayá.

Foto: autor desconhecido, sem data.

Acervo CPC-USP (reprodução).



os pais



Manoel de Almeida de Mello Freire, pai de Yayá. Foto: autor desconhecido, sem data. Acervo CPC-USP (reprodução).

manoel de almeida de mello freire

Manoel de Almeida de Mello Freire, nascido em 1836, pertencia a uma família de proprietários de terras e políticos da cidade de Mogi das Cruzes, em São Paulo. Manoel seguiu a tradição dos jovens da elite paulista, formando-se advogado em 1857 pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e dedicando-se à carreira política.



Não se conhecem imagens de Josephina Augusta de Almeida Mello, a mãe de Yayá.

josephina augusta de almeida mello

Josephina Augusta de Almeida Mello, batizada em Mogi das Cruzes, em 6 de maio de 1849, era prima de Manoel, filha de José de Mello Franco e de Dona Laurinda de Almeida Mello. No *Almanach da Província de São Paulo* de 1873 Dona Laurinda, avó de Yayá, aparece como investidora e proprietária da Fazenda Parahyba em uma lista de fazendeiros de café, algodão e cana da região. Avó, mãe e neta tinham em comum o reconhecimento por sua bondade.

política e literatura

Na política, Manoel de Almeida de Mello Freire foi eleito por três legislaturas seguidas (1862-1867) para a Assembleia Provincial e como senador do Congresso Estadual que elaborou a Constituição Paulista de 1891. Da Constituinte também participou o amigo Albuquerque Lins, que entre 1908 e 1912 viria a exercer a presidência do estado de São Paulo. Manoel também tinha inclinação para as letras. O *Almanach Literário de São Paulo* publicou, em 1876, um artigo de sua autoria sobre Mogi das Cruzes, comemorando a chegada à cidade dos trilhos da Companhia S. Paulo e Rio de Janeiro (futura Central do Brasil), fato indicativo de progresso e “instrumento civilizador”. Em 1888 publicou *Henriqueida*, um conjunto de poesias humorísticas e satíricas.



Sobrado (ao lado) e chácara (abaixo) de Dona Yayá em Mogi das Cruzes.

Foto: Isaac Grinberg, 1927. Acervo: Arquivo Histórico de Mogi.





Túmulo dos irmãos que Yayá não conheceu, José Francisco e Benedicta Georgina, no Cemitério São Salvador, Mogi das Cruzes.
Foto: Kassio Massa, 2021. Acervo CPC-USP

a perda dos pais

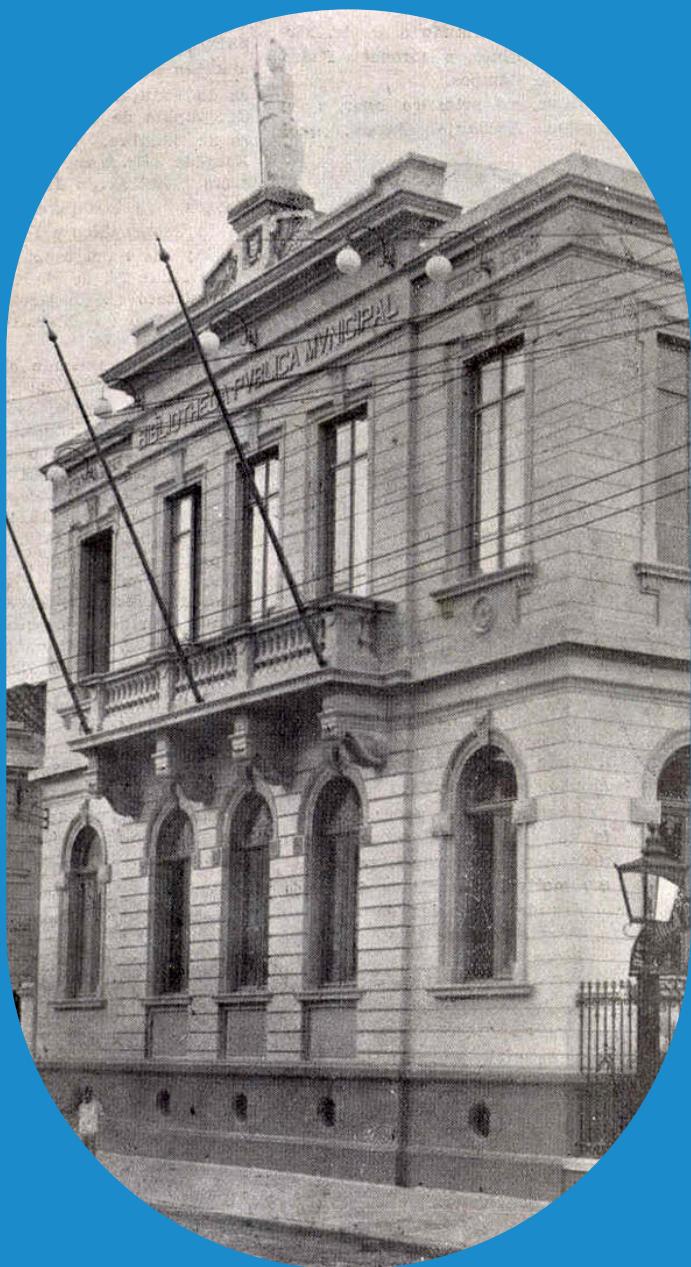
Os pais de Yayá faleceram em dezembro de 1900. Primeiro a mãe, em ocorrência de um tumor uterino, dois dias depois o pai, que sofria de insuficiência renal crônica. O casal deixou seus filhos mais novos, Manoel, com 18 anos, e Yayá, com 13 anos, em situação econômica favorável, graças à fortuna da família. Os dois foram os únicos filhos a atingirem a idade adulta, visto que os demais faleceram precocemente. Assim, os jovens órfãos ficaram sob responsabilidade de um tutor indicado pelo pai em testamento, Manoel Joaquim de Albuquerque Lins, amigo de sua confiança, que cumpriu esse papel até a vida adulta de Yayá.

Planta da Capital do estado de São Paulo e seus arrabaldes desenhada e publicada por Jules Martin em 1890 (detalhe). Acervo Arquivo do Estado de São Paulo.



a casa da rua sete de abril

A família Mello Freire vivia entre Mogi das Cruzes e São Paulo, onde residia em um palacete localizado na Rua Sete de Abril, n. 37, no centro da cidade. A região, chamada “Cidade Nova”, concentrava à época as moradias das famílias abastadas. O palacete dos Mello Freire era amplo, com dois andares, destacando-se das casas vizinhas pela rica ornamentação e arquitetura. A partir da morte dos pais, em 1900, Yayá e o irmão passaram a viver definitivamente em São Paulo. Para cuidar deles vieram morar na mesma casa Nhá Caetana, Elisa e Georgina Grant, estreitando-se a relação entre as famílias Mello Freire e Grant.



O palecete da família Mello Freire na Rua Sete de Abril.
A foto foi tirada quando foi inaugurada a Biblioteca Pública Municipal
em 1926. Foto: A Cigarra, 1926. Arquivo A Cigarra / EM / DA Press.

Os ambientes internos do Palacete da Rua Sete de Abril eram decorados conforme o gosto da época, com papéis de parede, tecidos e pinturas, móveis torneados, objetos de prata e cristal.





Esquerda e acima:
Fotos do interior do palacete atribuídas a Yayá, sem data.
Acervo CPC-USP (reprodução).

educação

Yayá recebeu educação esmerada, adequada à sua posição de alta sociedade. Quando criança, tomava lições em casa. Após a morte dos pais, ingressou como aluna no tradicional Colégio Nossa Senhora de Sion, recém instalado na cidade para atender às filhas de famílias da elite paulista. No Sion, Yayá estudava francês, piano, pintura, regras de etiqueta e trabalhos manuais. E foi, sobretudo, onde mais desenvolveu sua religiosidade.



Fachada do edifício do Colégio Nossa Senhora de Sion, no bairro de Higienópolis, em São Paulo.

Foto: autoria desconhecida, sem data
Acervo do Colégio Sion (reprodução).



Capela do Colégio Nossa Senhora de Sion.

Foto: autoria desconhecida, sem data
Acervo do Colégio Sion (reprodução).



Manoel de Almeida Mello
Freire Filho, irmão de Yayá.
Foto: autoria desconhecida, sem data/
Acervo CPC-USP (reprodução).

nhonhô

O irmão de Yayá, Manoel, apelidado como Nhonhô, estudou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, assim como o pai. No dia 21 de julho de 1905, retornando de uma viagem de navio à Argentina com o amigo Alfredo Grant, Nhonhô teve uma crise nervosa. Foi chamado para vê-lo um médico que estava a bordo. Aparentemente tranquilizado, Nhonhô foi deixado em sua cabine para descansar. Mais tarde, porém, encontraram a cabine vazia e ele não foi mais localizado, levando à conclusão de que tivesse se atirado ao mar. Pela primeira vez a família Mello Freire era exposta publicamente: o corpo foi encontrado mais de uma semana depois e a notícia foi veiculada em vários jornais, como *A Reforma*, *A Federação*, *O Diário do Rio Grande*, *Artista*, *O Intransigente* e *Echo do Sul*.

a vida adulta de yayá

afetos

A perda do irmão Nhonhô marcou tristemente o início da vida adulta de Yayá. Como consolo, Yayá pediu aos pais de Rosa Masullo, afilhada sua e de Nhonhô, que a deixassem criá-la, prometendo fazê-lo como uma mãe. Veio também morar com Yayá, em 1911, outra afilhada, Elisa Mello Freire, com dois anos de idade, após passar por uma delicada cirurgia. Elisinha era um dos 11 filhos de Maria Georgina Grant, amiga e confidente de Yayá, irmã de Elisa e Georgina, e casada com Brasília Freire de Almeida Mello, primo de Yayá. Em 1916, depois da morte de Brasília, Maria Georgina se junta a Yayá, à tia, às irmãs e à filha no palacete da Rua Sete de Abril.



Elisa de Mello Freire (Elisinha) e os poodles de Dona Yayá. Foto: autoria desconhecida, sem data/ Acervo CPC-USP (reprodução).



José de Mello Freire, Rosa Masullo (Rosinha), Elisa de Mello Freire (Elisinha) e Francisco de Mello Freire, no Palacete da Rua Sete de Abril. Foto: Yayá, 17 de maio de 1911. Acervo CPC-USP (reprodução).

passatempos



A condição social de Yayá marcou seu comportamento na vida adulta. Nas fotografias ela aparece vestida com roupas de qualidade, porém discretas. Proprietária de dois carros, uma limousine Renault e um “torpedo” marca Willys-Knight, saía pouco. Os passeios preferidos eram ir à praia e à fazenda de Guararema, conduzida por Augusto, seu motorista por longo tempo. Na fazenda, Yayá gostava de fazer longos passeios a cavalo.

Sua outra paixão era a fotografia. Yayá dispunha de sofisticado equipamento fotográfico e tinha um laboratório de revelação instalado em casa. Fotografava os amigos, a casa, os adorados poodles, Fifi e Blanchete e, principalmente, imagens de santos — seu tema preferido.



O melhor passa-tempo para todos é a photographia

Casa matriz:

STOLZE & STUCK-HAMBURGO

Fundada em 1861

Premiada em Hamburgo em 1868
Altona 1869, Vienna 1873, Hamburgo
1881, Hamburgo 1889

Peçam preços e explicações na
casa especial de

Stolze & Stuck--S. Paulo

RUA DE S. BENTO, 67

Esquina da rua de São João

CAIXA, 106

Anúncio publicado no jornal *Correio Paulistano*, 30 de julho de 1900.
Foto: BNDigital.

vida social

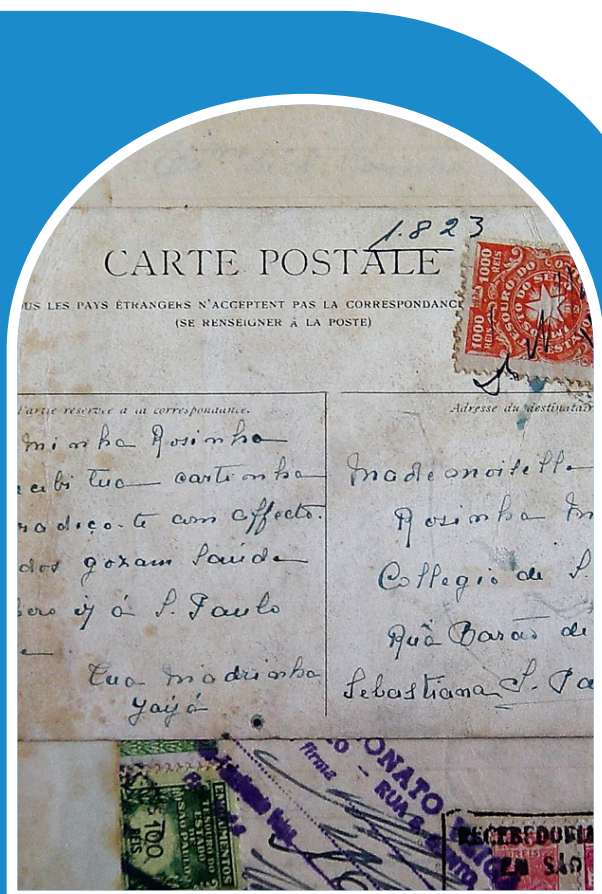
Os que a conheceram de perto descreviam Yayá como uma pessoa de hábitos simples e vida social restrita. Cumpria compromissos sociais, mas não era dada a frequentar festas. Diz-se que gostava de receber em sua casa apenas as colegas do Sion, os Grant e os Mello Freire. Seu comportamento era discreto e reservado, embora por vezes mostrasse ser espirituosa.

viagens

Viajar para o exterior era comum entre as famílias abastadas. Pelo menos duas vezes Yayá foi à Europa. Em 1914 viajou acompanhada de Rosa Masulo, Eliza Grant e de Dona Hadjine, uma amiga de infância. Surpreendida pelos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial, decidiu adiar o retorno, e a viagem se estendeu por quase seis meses. Em carta enviada a Georgina Grant datada de 16 de setembro, Yayá fala de sua agonia por estar longe do Brasil em plena guerra. Felizmente elas estavam em segurança em Genebra, na Suíça. Outra viagem feita à Europa por Yayá foi registrada em um cartão postal endereçado a Rosa Masulo, que era então interna no Colégio de Santa Inês. Dessa viagem não se sabe a data, possivelmente tenha ocorrido entre final de 1912 e início de 1913, ocasião em que Yayá trouxe da Ilha da Madeira, Portugal, um mandrião (roupa de batismo) para seu afilhado, Benedicto Leoncio.

religiosidade e fé

Yayá era muito religiosa e generosa. Fazia frequentes doações de dinheiro para obras da Igreja e ajudava os pobres que batiam à sua porta, principalmente nos dias 19 de cada mês, em devoção a São José. Em sua casa destacava-se um rico oratório. Tendo frequentado o colégio católico, mesmo depois de concluído os estudos, ela continuou ligada às freiras do Sion, especialmente a Mère Amedeé, sua orientadora espiritual.



FEMINISMO



ser mulher no começo do século xx

A concepção do feminino e da feminilidade prevalecente na sociedade burguesa no início do século 20 — a da mulher/esposa/mãe/dona-de-casa — foi construída em um contexto de expansão e consolidação de um mundo urbano-industrial, sob influência da cultura ocidental europeia da segunda metade do século 19 e definiu, com isso, uma determinada posição social da mulher.

Yayá, pela sua origem e condição social de mulher rica nesse começo do século, esteve sujeita, portanto, ao ideário de comportamento imposto às mulheres naquele momento. Apesar disso, sua trajetória de vida não correspondeu exatamente àqueles padrões almejados. Assim, como outros exemplos de mulheres do início do século 20, ela nos possibilita pensar o significado daquelas que colocaram em xeque as vocações de uma feminilidade imposta.

A feminilidade, nesse momento, era definida como um conjunto de atributos, funções, predicados e, também, de restrições, já que a mulher era considerada de natureza frágil, e dada sua capacidade procriadora.

Entendia-se que a vocação natural era a maternidade e as virtudes esperadas para ela eram recato, docilidade, passividade e submissão ao homem.

Essa concepção do feminino dizia respeito, entretanto, à mulher branca e rica. Mulheres pobres e, sobretudo, as mulheres negras, ao contrário, trabalharam arduamente durante séculos, na lavoura, nos serviços domésticos ou nas ruas, como vendedoras e quituteiras, sem que se mobilizasse para elas a condição de fragilidade.



Duas mulheres conversando nas proximidades do atual Parque D. Pedro II.
Foto: Vincenzo Pastore, 1910/circa.
Acervo: Instituto Moreira Salles.

modelo

O comportamento feminino ideal era reforçado pela “educação de moças”. As escolas eram lugares de domesticação e colonização da mulher, onde se cultivavam atitudes como fragilidade, passividade e sujeição, necessárias para que essas assegurassem o matrimônio como destino natural e realização pessoal. Não foi diferente com Yayá, que aos 14 anos foi matriculada na primeira turma do Colégio Nossa Senhora do Sion.



Sala de piano do Colégio Nossa Senhora de Sion.
Foto: autoria desconhecida, sem data.
Acervo do Colégio de Sion (reprodução).

mulher solteira

Yayá não cumpriu o destino supostamente natural das mulheres, uma vez que nunca se casou. Consta que ela teria recusado vários pedidos de casamento por desconfiar que fossem movidos pelo interesse em sua fortuna. Yayá viveu, assim, em um círculo restrito de pessoas, constituído pelas amigas mais próximas e membros da família Grant.



Acima: Yayá (à direita) acompanhada de Elisa Grant, Georgina Grant, Luiz Tabolaro. Ao centro, Elisa Mello Freire (Elisinha), Maria dos Anjos (sua amiga do Sion) e Rosa Masullo (Rosinha), no Palacete da Rua Sete de Abril. Foto: autoria desconhecida, sem data. Acervo CPC-USP (reprodução).

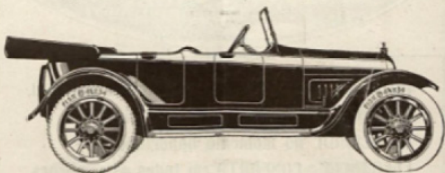
Modelo 88

Arranque eléctrico
Luz eléctrica

Willys KNIGHT

Sereno como a Noite

MODELO 88 - TURISMO, 4 e 8 CYLINDROS



O maximo de eficiencia

O minimo de custo

Finalmente, os seus automoveis **KNIGHT** por um preço que é irresistivel.

Ha apenas 34 que o Deland, o Packard, o Mercedes e o Minerva usaram motores do tipo Knight com permissão do Sr. Chas. V. Knight.

Estes automoveis, de alta qualidade, são usados pelas pessoas de melhor gosto da Europa.

O preço de um automovel europeu provido de motor Knight é elevado; todavia o motor instalado em mais dedicados reguladores.

Agora, devido ás grandes facilidades de fabricaçáo da Companhia Willys-Overland, V. S. pode obter os mesmos motores Knight em automoveis Willys Knight por uma fração do preço europeu.

Pense no que representa isto para si e para sua familia. Pode ter a mesma excellencia mecânica no seu automovel, a mesma ausencia de desgastados pelo rodar. O mesmo aumento de poder à medida que a kilometragem aumenta. A mesma velocidade e precisão de serviço que gozam as pessoas mais abastadas da Europa pelo V. S. apertar.

E V. S. obtém este maximo de eficiencia por um preço minimo.

Visitemos hoje. De bom grado lhe explicaremos o funcionamento do motor Knight e lhe faremos uma demonstração pratica.

ENTREGA IMMEDIATA
INTERNATIONAL MACHINERY COMPANY

30 - RUA S. BENTO - 30

The Willys-Overland Company, Toledo, Ohio, F. U. A.,
Fabricantes dos famosos Automoveis Willys-Knight e Overland e dos Locomóveis Ligeros.

autonomia

A riqueza possibilitou a Yayá o atendimento das vontades pessoais, liberdade e autonomia para a realização de seus próprios desejos: automóveis, passeios à praia, viagens à Europa e a fotografia como um de seus grandes prazeres.

Yayá era proprietária de dois automóveis: um deles, o Willys-Knight tipo torpedo de 7 lugares e 45 HP de potência. Em 1921, quando foram leiloados, em São Paulo havia somente 53 automóveis Willys-Knight em um total de 2.468 automóveis particulares, somando todas as versões.

maternidade

Yayá não cumpriu, por vontade própria, o que era definido como destino natural e vocação do feminino, ou seja, casar e ter filhos, conforme o modelo das famílias burguesas. No entanto, de certa forma vivenciou a maternidade ao assumir, por volta dos 20 anos, a criação de duas meninas: Rosa Masullo, sua afilhada e vizinha, então com quatro anos de idade; e posteriormente Eliza de Mello Freire, a Elizinha, que tinha dois anos quando foi morar com Yayá.

inspiração

O comportamento de Yayá naquele início do século 20, de não adesão ao modelo normativo de submissão da mulher, aproxima a sua figura à pauta do feminismo. Esse é um dos motivos que faz de Yayá a protagonista de um bloco carnavalesco criado pela União de Mulheres do Município de São Paulo nos anos 2000.



berta lutz



maria lacerda de moura

Retratos: Berta Lutz.
Foto: Adam Cuerdem, Biblioteca do
Congresso dos Estados Unidos;
Maria Lacerda de Moura.
Foto: Gioconda Rizzo/ Livro "Religion
of love and beauty".

luta feminista

O feminismo, além de ser um movimento articulado de mulheres em torno de determinadas bandeiras, também está, em sentido ampliado, no gesto e na ação individual. Pode configurar-se em atos de protesto contra a opressão ou discriminação da mulher, mas também na recusa de reprodução de um padrão de comportamento que a sociedade patriarcal impõe. Algumas mulheres se destacam nesse cenário:

Bertha Lutz nasceu no Rio de Janeiro em 1894. Bióloga de formação, foi também ativista feminista, educadora, diplomata e política brasileira.

Integrou a delegação brasileira para a Conferência das Nações Unidas de 1945, na qual lutou para a inclusão da menção de igualdade de gênero no texto da Carta das Nações Unidas.

Maria Lacerda de Moura nasceu em Minas Gerais, em 1887. Foi educadora, escritora e relevante ativista e teórica anarquista no Brasil. Em 1919, no Rio de Janeiro, participou junto com Bertha Lutz da fundação da Liga pela Emancipação Feminina, grupo do qual desligou-se depois, uma vez que almejava a liberdade feminina para além da pauta sufragista.

feminismo negro

O feminismo protagonizado pelas mulheres negras, por sua vez, luta não somente contra as opressões de gênero como também, aquelas ligadas às desigualdades sociais, à discriminação e ao racismo. Entre as ativistas que se destacam estão:

Lélia Gonzalez nasceu em Belo Horizonte em 1935. Foi ativista e intelectual negra, uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação e o Racismo (MNU-CDR), em 1978. Graduada em História e Geografia fez mestrado em Comunicação e doutorado em Antropologia. Deixou um legado importante entre obras acadêmicas e ações de militância que contribuem para questionar o racismo e o papel da mulher negra na sociedade.

lélia gonzales



beatriz nascimento



sueli carneiro



Beatriz Nascimento nasceu em 1942.

Foi historiadora, professora, poeta e ativista antirracista, deixando um legado intelectual profundo do qual se destaca o livro *Uma história negra feita por mãos negras*. Nos anos 1980 voltou-se ao tema do feminismo, que aparece em vários de seus poemas. Participou dos debates do Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo, na Ordem dos Advogados do Brasil, Seção São Paulo e em outras entidades voltadas à discussão dos direitos das mulheres. Em 1986, recebeu o título de Mulher do Ano pelo Conselho Nacional da Mulher Brasileira.

Sueli Carneiro, nascida em São Paulo no ano de 1950, é filósofa e doutora em educação pela Universidade de São Paulo. Escritora e ativista antirracista, fundadora e diretora do Geledés, Instituto da Mulher Negra, a primeira organização negra e feminista independente de São Paulo.

Retratos: Lélia Gonzales e Beatriz Nascimento. Foto: Cezar Loureiro, 1989, Arquivo pessoal de Rubens L. Rufino de Lima;

Maria Beatriz Nascimento.

Foto: Autoria desconhecida, sem data / Arquivo Nacional;

Sueli Carneiro.

Foto: Iara Venanzi/ Arquivo pessoal de Sueli Carneiro.

mulheres pobres

Em outro extremo da condição social, às mulheres pobres cabia um duplo e contraditório papel: o de esposa-mãe e, ao mesmo tempo, de força de trabalho barata em uma sociedade industrial em formação. Assim, admitia-se a presença feminina em fábricas ou no serviço doméstico em casas de famílias ricas, como possibilidades para a sobrevivência da família.

As mulheres operárias, invisíveis na história, ocuparam as ruas, o espaço público e as fábricas na reivindicação de seus direitos. Pouco se sabe sobre tais formas de resistência feminina às estratégias disciplinadoras, quer no trabalho ou na vida social, em função da pouca documentação disponível. As mulheres paralisaram fábricas não poucas vezes e enfrentaram a polícia cobrando a solidariedade de classe e questionando o discurso masculino patronal (e, também, operário) que a elas imputava docilidade e submissão.

Alguns poucos registros da imprensa de época mostram a resistência feminina por meio do uso do corpo na cidade, quer na participação em greves ou manifestações de rua. O jornal *O Estado de S. Paulo* noticiou durante a greve iniciada pelas mulheres no Cotonifício Crespi, na Mooca que um bando de mocinhas operárias tomava conta de três bondes elétricos no Largo da Sé.

Mulheres espancadas

Apresentaram-se hontem ao dr. chefe de policia, Mariana Pogarzbek e Jadvoidga Sklucezka, colonas da fazenda *Chanaan*, no municipio de Limeira, queixando-se de ter sido espancadas pelo administrador daquella fazenda.

O sr. chefe de policia, encarregou o dr. Pinheiro e Prado, 2.º delegado auxiliar, de abrir inquerito a esse respeito.

Mariana Pogarzbek, austriaca, de 37 annos de idade, casada, empregada na fazenda de *Chanaan*, declarou que, tendo pedido ao administrador daquella fazenda, de nome Jorge Latif, o pagamento do seu salario, por 150 arrobas de café que colheu, este lhe deu 9\$000 e mandou que os guardas da fazenda a espancassem e a sua companheira Susana Vaznik.

Mariana, depois de ter sido espancada, fugiu para esta capital, abandonando na fazenda dois filhos menores e todas as suas malas e roupas.

O dr. Pinheiro e Prado fez submeter a queixosa a corpo de delicto pelo dr. Marcondes Machado.

Mariana apresentava contusões na região frontal e nas costas.

A outra colona Jadvoidga Sklucezka, queixou-se de que, estando incommodada, deixou o serviço, retirando-se para a sua casa.

O administrador mandou chamal-a, e como ella não tivesse atendido ao chamado, dirigiu-se elle em pessoa á sua casa e ahí espancou-a barbaramente, ficando ella, por muitos dias doente, em consequencia dos castigos que lhe foram inflingidos.

O dr. Pinheiro e Prado está procedendo a rigoroso inquerito para apurar estes factos.

DOENÇA



o que tinha yayá?

As muitas histórias contadas sobre Dona Yayá envolvem o período em que ela esteve isolada na casa da rua Major Diogo e, em sua maioria, afirmam que ela foi vítima de conspirações que combinavam parentes, seu antigo tutor, médicos, curadores e cuidadores.

Essa versão sensacionalista, construída no início da manifestação da doença pelo jornal *O Parafuso* e reforçada nas disputas da curatela pelos possíveis herdeiros, perdurou no imaginário coletivo. Permanecendo reclusa por mais de 40 anos, ao longo do tempo, criou-se a visão da Casa de Dona Yayá como um lugar mal-assombrado.

Trazemos aqui uma leitura desse período de vida de Yayá a partir dos laudos e relatórios médicos integrantes do processo de sua interdição.

primeiras crises nervosas

Em finais do ano de 1918, Yaya apresentou os primeiros sintomas de desequilíbrio emocional. Acreditando que ia morrer, escreveu um testamento a lápis e distribuiu suas joias. Em janeiro de 1919, passou por uma nova crise com delírios persecutórios e confusão mental, chegando à tentativa de suicídio. Foi necessário, então, interná-la na Casa de Saúde do Dr. Homem de Mello, onde permaneceu por pouco tempo.

A crise inicial foi explicada em função de problemas orgânicos apresentados por Yayá: insuficiência hepato-renal, vícios de nutrição que a enfraqueceram, fazendo explodir o surto nervoso. Além disso, segundo um médico que cuidou de Yayá, ela teria contraído a gripe espanhola, passando muito mal.

CASA DE SAUDE

— DO —

DR. HOMEM DE MELLO & C.^{IA}

EXCLUSIVAMENTE PARA MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

MEDICO CONSULTOR: **DR. FRANCO DA ROCHA**

DIRECTOR DO HOSPICIO DO JUQUERY

Situada no soberbo e saudavel logar "Alto das Perdizes) em magnifica propriedade tendo uma superficie de 23.000 metros quadrados: este estabelecimento fundado em 1907, contém varios pavilhões, construidos sob as regras modernas da hygiene, independentes, no meio de jardins, em que o ar é embalsamado de perfumes exquisitos.

Os pavilhões para senhoras são completa e rigorosamente separados dos dos homens.

O tratamento prodigalizado aos doentes é de primeira ordem, os quaes são objecto de delicada attenção e carinhoso conforto por parte das irmãs de caridade encarregadas de lhes prodigalizar seus cuidados.

O tratamento é dirigido pelos mais reputados especialistas de S. Paulo.

Tem medico residente no estabelecimento.

Para mais amplas informações, dirigir-se ao

Dr. Homem de Mello

que reside á Rua Dr. Homem de Mello, perto da Casa de Saude.

Caixa Postal, 12 - S. PAULO - Telephone, 560

interdição

No primeiro laudo médico sobre o estado de Yayá foi registrada a ocorrência de sintomas como confusão mental, mudanças de humor, interpretações delirantes, mantendo-se intactas a atenção, a observação e a percepção. O diagnóstico declarado foi “paranoia aguda e delírio sistemático agudo, fruto de predisposição hereditária”.

Assim, concluiu-se a impossibilidade de ela zelar pela sua própria pessoa e pelos seus bens. Iniciou-se, em abril de 1919, o arrolamento de seu patrimônio, que foi confiado à administração de um curador. Aos 32 anos de idade, Yayá foi declarada judicialmente interdita e nunca mais teve o poder de gerenciar sua vida.



“Declaro interdita a senhora Sebastiana de Mello Freire, de 32 anos de idade, solteira, brasileira. Para o exercício de curador nomeio o Dr. José de Souza Queiroz. São Paulo, 27 de março de 1919. - Adalberto Garcia da Luz”

Trecho extraído do Processo n. 3.903/1919 - Interdição de Sebastiana de Mello Freire
Arquivo do Judiciário do Estado de São Paulo

o que diziam os médicos?

Em 1920, Yayá foi examinada por uma nova junta médica, que reconheceu os mesmos sintomas da avaliação anterior: alternância entre depressão e excitação, alucinações auditivas e de olfato, ilusões de vista, delírio e confusão mental. Notou-se ainda um novo sintoma, a indiferença pelas pessoas de sua estima e pelo meio social em que vivia.

Esse segundo diagnóstico descreveu: “síndrome de confusão mental alucinatória que pode desaparecer, ou ceder lugar a uma psicose pura, ou a uma perturbação definitiva no seu estado crônico, não raro descambando ainda para o final na demência precoce nas suas várias formas”. A cura era, então, uma das possibilidades de evolução do caso.

Segundo o Dr. Sérgio Rachman, Instituto de Psiquiatria da USP, “Os dois primeiros laudos elaborados refletem o entendimento da doença mental calcado na escola biológica da segunda metade do século 19. Segundo esse entendimento, ocorre uma degeneração mental determinada pela hereditariedade. É a teoria da degenerescência. Morel foi um dos defensores dessa doutrina. [...]”

“Paranoia aguda, delírio systematico agudo, delírio periódico dos degenerados são os nomes que mais comumente designam a syndrome acima descripta.”

Trecho extraído do Processo n. 3.903/1919 - Interdição de Sebastiana de Mello Freire/ Arquivo do Judiciário do Estado de São Paulo

“[...] a interdita apresenta, atualmente, o syndroma da confusão mental allucinatória, depauperamento geral e insuficiência hepato-renal.”

Trecho extraído do Processo n. 3.903/1919 - Interdição de Sebastiana de Mello Freire/ Arquivo do Judiciário do Estado de São Paulo



Bénédict Augustin
Morel (1809-1873).
Foto: Aatoria
desconhecida, sem
data
Wikimedia Com-
mons

a medicina psiquiátrica e yayá

Escrito em 1857 por Benedict Augustin Morel, o Tratado da Degenerescência introduziu esse conceito para explicar como se dá a natureza hereditária da doença. Até então, acreditava-se que a predisposição para os transtornos mentais se transmitia de uma geração a outra.

Para Morel, a doença mental era explicada como resultado da degradação de uma linhagem, como um desvio doentio que só piorava com o passar das gerações.

Ao tratar de hereditariedade, a teoria se apoiava na ideia de que ela não se referia apenas à dimensão biológica do indivíduo, ou seja, seus traços físicos, mas que os aspectos morais e de comportamento seriam, também, transmitidos para os descendentes. É importante lembrar que essa hereditariedade não se apoiava na ideia de existência do gene, noção que só mais tarde iria se consolidar.

diagnóstico de yayá

Os laudos médicos relacionaram os transtornos mentais a uma suposta “herança nervosa” adquirida em linha direta do pai e do avô. Também foram apontadas no laudo evidências da carga hereditária de loucura no irmão de Yayá: segundo os médicos, o seu comportamento era considerado esquisito, misantropo e desconfiado, além de ele ter cometido suicídio, em 1905.

Assim, a Teoria da Degenerescência explicava a existência de traços de degeneração na linhagem da família, identificados pelos médicos, como determinantes para algumas características do comportamento de Yayá que foram consideradas reveladoras de sua “predisposição latente aos desarranjos mentais”. Entre tais características, a tendência ao isolamento após a perda dos pais, a renúncia aos prazeres e divertimentos, a recusa ao casamento, a forte religiosidade e desejo de segregar-se da sociedade.

Yayá, segundo os laudos, era senhora absoluta de seus atos, dominava completamente os que dela dependiam, expressava ideais de misticismo, tinha um gênio excêntrico e, por várias vezes, recusou-se ao casamento. Tais afirmações revelam o peso da avaliação moral como explicação para a manifestação da doença.

“Histórico: D. Sebastiana de Mello Freire é portadora de pesadíssima tara hereditária, ligada pelos ascendentes de linha paterna. A avó, o pai e dois tios sofreram de moléstia mental, temporária em uns e chronica em outros, mas de natureza que ignoramos. Teve quatro irmãos, três dos quais faleceram em tenra idade vitimados por acidentes diversos, sem que houvessem tido tempo de revelar alguma anormalidade mental que nelles por ventura existisse. O único irmão que atingiu a idade adulta foi sempre exquisito, misantropo e desconfiado; numa viagem a Buenos Aires suicidou-se atirando-se ao mar.”

Trecho extraído do Processo n. 3.903/1919 - Interdição de Sebastiana de Mello Freire/ Arquivo do Judiciário do Estado de São Paulo

“Uma vez fora do collegio, possuidora de grande fortuna, senhora absoluta de seus actos, dominando completamente aos que dela dependiam, poudar livre expansão aos seus ideais de mysticismo, recusando em absoluto a qualquer projecto de casamento.”

Trecho extraído do Processo n. 3.903/1919 - Interdição de Sebastiana de Mello Freire/ Arquivo do Judiciário do Estado de São Paulo

O fato de o laudo de interdição de Yayá ter deixado aberta a possibilidade de recuperação tornou-se um argumento importante para o jornal o *Parafuso* questionar constantemente a sua permanência em uma casa de saúde.

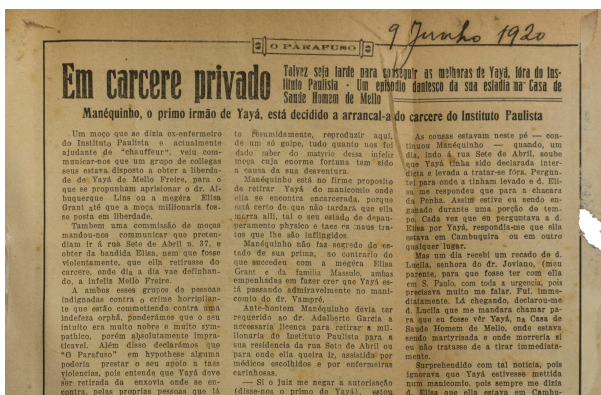
O jornal realizou uma campanha pertinaz, em suas próprias palavras, durante os anos de 1920 e 1921, que levou à exposição e espetacularização do caso. A série de artigos, em parte intitulada “Em Cárcere Privado”, publicada em junho de 1920, dá o tom de uma narrativa folhetinesca que colocava em dúvida tanto o diagnóstico recebido como o tratamento médico e os cuidados dispensados a ela.

internações

Após sucessivas crises, Yayá foi novamente internada em instituições hospitalares, entre elas o Instituto Paulista, onde ficou por mais de um ano.

Segundo Sérgio Rachman¹: “na época o tratamento era basicamente a reclusão e a aplicação do chamado tratamento moral, em que o doente é afastado dos estímulos mundanos e vícios que possam exacerbar seu quadro.”

A internação teve grande repercussão, em parte por publicações do semanário *O Parafuso*, que explorou politicamente o afastamento da rica herdeira colocando-a como vítima de uma conspiração da elite que se beneficiava de seus bens, incluindo, além dos curadores, a família da madrinha e os médicos.



Jornal O Parafuso, n. 199, de 9 de junho de 1920.

Acervo: Biblioteca Municipal Mário de Andrade (reprodução).

¹ Entrevista conferida ao CPC-USP em maio de 2019.

asilo particular

A exposição pública e sensacionalista do jornal *O Parafuso* interferiu nas decisões que foram tomadas para o caso de Yayá. Na edição de julho de 1920, o jornal publicou o laudo médico do Instituto Paulista que indicava a transferência de Yayá para um lugar privativo e mais tranquilo, o que foi noticiado com o sugestivo título de as “vitórias d’*O Parafuso*”. A transferência foi justificada tendo em vista a condição material da doente, que lhe possibilitaria um tratamento especial que atendessem ao mesmo tempo às necessidades de cuidados com a saúde mental e física.

A decisão foi vital para a saúde de Yayá. Para viabilizar seu tratamento em lugar tranquilo e isolado do crescente movimento da cidade, foi alugado, no Bixiga, o imóvel que seria seu lugar de vida por mais de 40 anos. O tratamento de Yayá baseou-se no método *non-restraint*: “A doente será vigiada sem o perceber. Ella terá a illusão de que tem toda liberdade, de que é senhora do seu nariz, mas de facto a vigilância será exercida prudentemente, não lhe sendo permitido senão aquillo que eu julgar conveniente”. Apesar de submetida à vigilância completa e da adaptação da casa a um asilo particular, ainda assim, nada se comparava às condições de uma instituição manicomial, onde as relações eram impessoais e eram comuns os maus tratos aos pacientes. Além disso, nos anos 1930/40, os manicômios adota-

ram práticas agressivas e de violação de direitos humanos, como uso de camisa de força, lobotomia e eletrochoque.

Yayá foi transferida para a casa na primeira quinzena de agosto de 1920. Ali viveu constantemente assistida pelas pessoas que já moravam com ela, com quem tinha um forte vínculo afetivo, como sua madrinha Nhá Caetana Grant, que faleceu logo depois, em 1921, e Eliza Grant, sua melhor amiga. Também continuaram morando com Yayá, Maria Georgina Grant e sua filha, Elisa Mello Freire, a Elisinha, afilhada de Yayá. E Rosa Masullo, a Rosinha, criada por Yayá como filha, que deixou a casa ao casar-se, em 1921. Maria Rodrigues, que trabalhava na casa de Yayá desde os nove anos de idade, permaneceu encarregada dos serviços pessoais de Yayá, como arrumação do quarto e limpeza e como auxiliar do enfermeiro, na higiene pessoal.

Segundo relatos, essas mulheres cuidaram de Yayá com paciência, carinho e respeito, renunciando por ela às suas vidas pessoais. Elisa Grant, que permaneceu solteira, zelou pela casa e por Yayá até 1944, quando faleceu. Elisa Mello Freire, que também não se casou, assumiu a partir daí a direção da casa, pois a mãe, Maria Georgina, já era idosa. Recebeu ajuda da tia Georgina, que se juntou à irmã e à sobrinha depois de ficar viúva. Elisinha cuidou de Yayá até a morte de sua madrinha.

Acima: fachada da casa na Rua Major Diogo. À esquerda fica a varanda fechada após intervenção no imóvel com orientação médica.

Foto: Kassio Massa, 2021/ Acervo CPC-USP.

Abaixo: solário construído na década de 1950, possibilitando a Yayá usufruir o mundo exterior, mesmo que debilitada.

Foto: Kassio Massa, 2021/ Acervo CPC-USP.



médicos



deolindo galvão

Psiquiatra, foi assistente de clínica propedêutica da Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia e sócio fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia. Respondeu como médico de Dona Yayá após a autorização para a sua remoção da Yayá do Instituto Paulista para uma casa. Estava convicto que Yayá poderia se recuperar com tratamento que incluísse maior atenção e caminhadas ao ar livre.



Juliano Moreira
(1873-1933). Autoria
desconhecida
Acervo Arquivo
Nacional.

juliano moreira

Em 1920, o Dr. Juliano Moreira, diretor do Hospital Nacional de Alienados do Rio de Janeiro, foi chamado a São Paulo para atestar sobre a saúde de Yayá. Após visita e acompanhamento, ele confirmou os sintomas decorrentes dos surtos nervosos que ela apresentava, reforçando o diagnóstico de psicose maníaco-depressiva.



Foto: Autoria desconhecida, sem data
Academia de Medicina de São Paulo

ovídio pires de campos

Professor titular de clínica médica e diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1920–1921). Nomeado médico de Yayá em 1920, solicitou afastamento em março de 1921 por motivos particulares, indicando para substituí-lo o Dr. Franco da Rocha. A partir de abril de 1924, Ovídio Pires de Campos passou alternar com Dr. Franco da Rocha no tratamento de Dona Yayá. Em novembro de 1933, com a morte de Franco da Rocha, reassumiu o cargo de médico até julho de 1950, quando veio a falecer.



Foto: Pedro Satyro
de Souza da Silveira,
sem data
Alamy Stock Photo

francisco franco da rocha

Primeiro professor de Neuriatria e Psiquiatria da Faculdade de Medicina de São Paulo (1918–1923), planejou e construiu o Hospício de Juqueri, colônia agrícola idealizada com base na laborterapia. Dirigiu e residiu no hospital desde sua inauguração, em 1898, até 1923. Assumiu o cargo de médico de Dona Yayá em 1921. De abril de 1924 até seu falecimento, em 8 de novembro de 1933, alternou, com o Dr. Ovídio Pires, o tratamento de Dona Yayá.



Foto: Autoria desconhecida, sem data
Associação dos
Antigos Alunos da
Faculdade de Medicina da USP

moacyr tavolaro

Seu nome aparece na Turma de 1937 da Faculdade de Medicina de São Paulo. Assumiu o tratamento de Dona Yayá em 1950 com a morte do Dr. Ovídio, a quem já vinha há algum tempo acompanhando nas visitas. Reforçou o pedido do Dr. Ovídio de reformas na casa e recomendou a construção do jardim de inverno e do solário para que sua paciente pudesse caminhar e tomar sol. Solicitou, ainda, a compra de uma vitrola — já que Yayá gostava de músicas clássicas — e de um televisor. Em 23 de agosto de 1961, providenciou e organizou a remoção de Dona Yayá para o hospital São Camilo.

curadores



josé de souza queiroz

Compadre e testamenteiro do pai de Yayá foi nomeado seu curador logo após a interdição em maio de 1919, e pediu exoneração do cargo em setembro de 1920. Fundou junto com o Barão de Souza Queiroz, seu pai, o Banco Comércio e Indústria de São Paulo, em 1889.



primitivo de castro rodrigues sette

Nascido em Recife, bacharelou-se em 1886 pela Faculdade de Direito de São Paulo e, em 1896, foi nomeado juiz de Direito da Primeira Vara da Comarca de Santos. Em novembro de 1934, foi afastado do cargo de curador de Yayá por pressão dos parentes da curatelada, depois de mais de 14 anos de exercício.



manoel da silva carneiro

Bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1912, ascendeu a desembargador do Tribunal de Apelação de São Paulo em 1938 e se aposentou em 1944. Assumiu a curatela de Yayá em dois momentos: de novembro de 1934 a agosto de 1935 e de dezembro de 1935 a fevereiro de 1937.



faustino dos santos cardoso

Advogado. Substituiu Manoel da Silva Carneiro na curatela de Dona Yayá de agosto a dezembro de 1935 e, novamente, em fevereiro de 1937, permanecendo no cargo por pouco mais de dez anos. Foi indiciado e depois absolvido por crime contra a economia popular. Período: 1947 – 1951.



juarez lopes

Bacharelou-se pela faculdade de Direito de São Paulo em 1911. Eleito deputado federal por Minas Gerais em março de 1930, teve o mandato interrompido no mesmo ano. Foi presidente da Caixa Econômica do Estado de São Paulo. Teve sua exoneração requerida pelos primos da interdita por descaso enquanto exercia a curatela entre 1947 e 1951.



luiz antonio de figueiredo

Advogado. Junto com o médico Dr. Moacyr Tavolaro promoveu, em 1951, reformas e equipou a casa da Major Diogo. Do ponto de vista administrativo, promoveu grandes mudanças no quadro de bens com a justificativa de produzir renda para a manutenção da casa.

Ao lado: modificações de janelas nos aposentos de Yayá conforme orientação do Dr. Juliano Moreira.
Foto: Kassio Massa, 2021/ Acervo CPC-USP

psiquiatria brasileira

visita yayá

Ao longo das diversas avaliações médicas que recebeu, em pelo menos dois momentos Yayá foi atendida por importantes nomes da medicina psiquiátrica brasileira: Dr. Juliano Moreira e Dr. Franco da Rocha.

Juliano Moreira visitou Yayá no ano de 1920, momento em que confirmou os sintomas descritos nos laudos anteriores optando, no entanto, pelo diagnóstico de “psicose maníaco-depressiva, em um de seus estados mistos descritos por Kraepelin”. Foi ele quem sugeriu as alterações na casa para o tratamento de reclusão de Yayá, como adequação das janelas, que levaram às primeiras reformas no imóvel. Em 1980, a denominação psicose maníaco depressiva seria incluída no conceito de transtorno bipolar.





Juliano Moreira (1873-1933). Autoria desconhecida
Acervo Arquivo Nacional.

Juliano Moreira (1873-1933), psiquiatra negro, é considerado o fundador da psiquiatria brasileira. Nascido em Salvador, Bahia, e proveniente de uma família pobre, formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia precocemente, aos 18 anos, e especializou-se em doenças nervosas e mentais, realizando estágios entre 1895 e 1902, em asilos da França, Itália, Inglaterra, Escócia e Alemanha.

Trabalhou com Emil Kraepelin, quando esteve na Alemanha, continuando a trocar cartas com ele depois do retorno ao Brasil. Foi, portanto, por meio de Juliano Moreira que se introduziram na psiquiatria brasileira as ideias da escola alemã, representada por Kraepelin. Aprovado no concurso para professor da Faculdade de Medicina da Bahia, em 1896, Juliano Moreira proferiu um discurso de posse enfatizando o preconceito de cor na sociedade brasileira.

Respondeu como Diretor do Hospital Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro, entre os anos de 1903 a 1930. O hospital foi criado como Hospício de D. Pedro II, em 1841, por iniciativa do provedor da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, no intuito de separar os loucos de outros doentes e ministrar tratamento diverso. Na década de 1890, já com o nascimento da República, passou a se chamar Hospital ou Hospício Nacional de Alienados. Além daqueles considerados loucos, eram também internados ali epiléticos, indigentes e alcoólicos, como foi o caso de Lima Barreto, por duas vezes interno em 1914 e 1919 (RACHMAN, 2010).



Francisco Franco da Rocha (1864-1933).
Acervo do Museu Histórico da Faculdade de
Medicina da Universidade de São Paulo do
médico Dr. Franco da Rocha.

Franco da Rocha acompanhou Yayá de 1921 a 1933, confirmando o diagnóstico de “psychose maníaco-depressiva de tipo mixto”, mas relatando uma redução do quadro de sintomas, tanto em frequência como intensidade. Em 1925, considerando que o estado de Yayá continuava estacionário, Franco da Rocha e seu colega Dr. Ovídio Pires recomendaram a compra definitiva da casa e da Rua Major Diogo sugeriram novas mudanças nos ambientes para o bem-estar da paciente, levando a uma segunda reforma na casa.



Sessão de laborterapia feminina da Clínica Psiquiátrica do HC-FMUSP.
Acervo do Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de
São Paulo.

yayá na casa do Bixiga

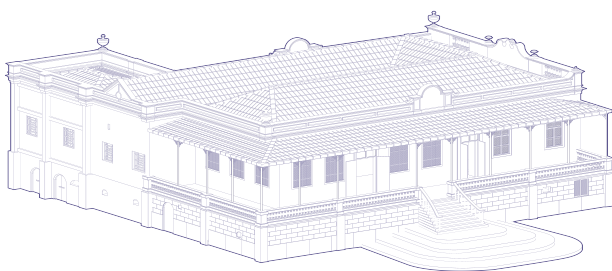
O que se esperava, em 1920, de uma residência localizada nos arredores da região central de São Paulo num momento em que o bairro conhecido como Bixiga ainda se urbanizava? Por que escolher um local como esse para receber e tratar uma enferma? Como era essa casa?

O imóvel hoje conhecido como Casa de Dona Yayá surgiu como uma construção rural associada à antiga chácara da qual se originou a atual propriedade. Os registros mais antigos de sua existência datam da década de 1880.

Yayá encontrou um imóvel avarandado na zona suburbana da cidade, remanescente de casas rurais. Na casa verificavam-se elementos ornamentais de estilos variados — do ecletismo ao *art nouveau* —, resultado material de muitas mãos e origens distintas, constituindo-se de uma arquitetura formada por camadas de experiência de artesãos e construtores, muitos deles imigrantes.

Planta da Cidade de São Paulo mostrando todos os arrabaldes e terrenos arruados, 1924.

Foto: Arquivo Público do Estado de São Paulo.



Perspectiva da Casa da Rua Major Diogo e sua configuração provável no início da década de 1920.

Foto: maquete digital

Acervo CPC-USP.

a arquitetura do tratamento

As primeiras alterações na Casa foram sugeridas pelo Dr. Juliano Moreira, médico psiquiatra: o tratamento de Yayá demandava ambientes sem ornamentos, sem distrações, com um caráter que hoje seria chamado de “hospitalar”.

Assim, as paredes ornamentadas foram recobertas por cores neutras e os cantos foram arredondados. Os novos cômodos de Yayá continham poucos móveis, apenas o essencial, contrastando com sua residência anterior, de paredes e mobília ornamentadas e nobres. O assoalho de madeira nobre foi substituído por um piso frio conhecido como “corticite” (nome derivado de um dos materiais que o compunham, a cortiça), similar ao atual “cimento queimado”. Yayá agora vivia em um ambiente de intensa assepsia visual.

As maiores transformações sugeridas pelo Dr. Juliano Moreira, contudo, ocorreram nas portas e janelas, nas quais o aparato de controle e vigilância ficava mais explícito. Nos ambientes em que Yayá permanecia, as janelas de vidro foram reforçadas, as fechaduras foram posicionadas nos lados externos e os caixilhos ganharam um aspecto prisional. Nas janelas, cujos vãos antes eram de abertura plena, agora apenas pequenas frestas podiam ser parcialmente abertas. Em uma das salas foi instalada uma pequena janela, com abertura também parcial e protegi-

da, pela qual Yayá podia se comunicar com suas amigas e cuidadoras que ocupavam o quarto adjacente, e avistar o oratório que fora trazido da casa anterior.

Um banheiro foi instalado nos aposentos de Yayá, onde além de seu asseio também eram preparados os banhos terapêuticos. Nele, encontra-se aquele que é hoje considerado talvez a marca mais explícita da vigilância e controle: um “olho mágico” na porta permitia a um vigilante externo acompanhar o que ocorria no interior do banheiro.



Acima: modificações de janelas nos aposentos de Yayá conforme orientação do Dr. Juliano Moreira.
Foto: Kassio Massa, 2021
Acervo CPC-USP



Ao lado: “Olho mágico” na porta do banheiro.
Foto: Gustavo Menossi, 2024
Acervo CPC-USP

diagnóstico de esquizofrenia

Ao longo do tempo, os relatórios médicos passaram a fazer menção ao quadro de contínuo depauperamento físico e mental de Yayá, incluindo sintomas de embotamento afetivo e decadência intelectual.

O laudo de 1934 afirmava que Yayá passava por um “estado de demência precoce como a previsão de evolução da doença no laudo de 1920 que se realizou”.

Em 1952, o último relatório médico de que se tem notícia faz menção ao elevado grau de degeneração psíquica, rebaixamento do nível mental, condição apática e vegetativa e conclui pelo diagnóstico de esquizofrenia. Yayá tinha então 65 anos de idade.

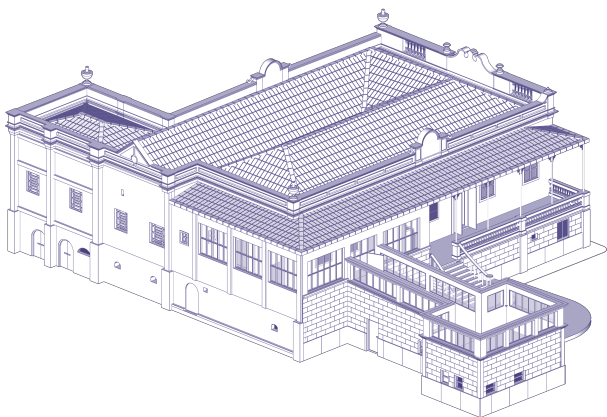
Utilizado com frequência nos laudos anteriores, o termo “demência precoce” foi substituído por esquizofrenia, acompanhando os avanços na psiquiatria. O novo termo indica estados em que há uma separação entre o pensamento, as emoções e o comportamento dos pacientes afetados.

Perspectiva da Casa da Rua Major Diogo e sua configuração provável no início da década de 1950.
Foto: maquete digital. Acervo CPC-USP.

agravamento da doença

O agravamento da doença e piora nas condições de Yayá demandou novas alterações nas diretrizes do tratamento e mudanças na casa. Yayá já apresentava dificuldades para caminhar ou mesmo para se relacionar com um entorno cada vez mais urbanizado e agitado.

Assim, foi providenciado o fechamento parcial da varanda que rodeava a fachada principal da casa, ampliando a área de permanência de Yayá. Chamada em alguns registros de “jardim de inverno”, a varanda fechada indicava um aumento da intervenção médica na arquitetura do imóvel. Soma-se ao fechamento da varanda a construção de um solário externo, elemento que vai significar a última possibilidade de contato de Yayá, então uma senhora debilitada, com o mundo exterior. Construído em concreto armado, de aparência pesada, o solário marca a memória da presença de Yayá.



últimos dias

Em agosto de 1961, apresentando quadro de hemorragia, Yayá foi removida para um hospital a fim de se submeter a exames especializados para detectar o problema. Em função do seu estado psíquico, a remoção precisou ser feita sob narcose, impondo o acompanhamento de um anestesista.

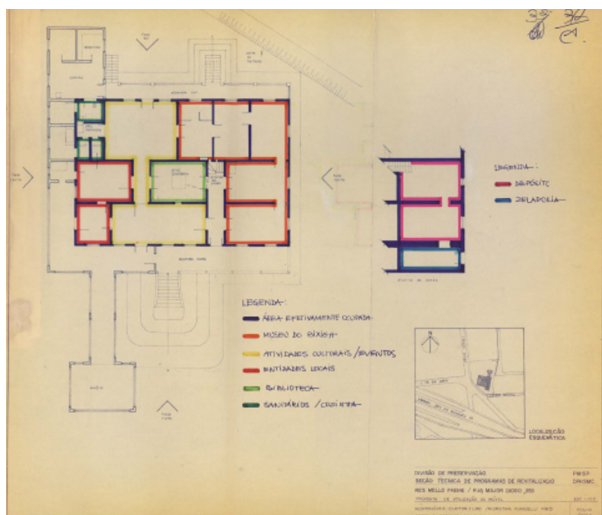
Yayá foi atendida no Hospital São Camilo, na Pompéia. Os exames revelaram câncer de útero, sendo urgente uma intervenção cirúrgica para retirada do órgão. Yayá não resistiu ao procedimento, sofrendo uma parada cardíaca na mesa de cirurgia. O Dr. Moacyr Tavolaro atestou o óbito, que registrava causa de morte por insuficiência cardíaca, às 15 horas do dia 4 de setembro de 1961.

patrimônio da usp e de são paulo

Após o falecimento de Yayá, em 1961, deu-se um longo processo judicial após o qual, não havendo herdeiros legais dos seus bens, a propriedade foi destinada à Universidade de São Paulo, em 1968. Considerando a reivindicação de uso público da casa pelos moradores do bairro e o reconhecimento da casa como bem cultural e lugar de memória, a USP promoveu nos anos 1990 as obras de recuperação e restauro

do imóvel. Nos anos 2000 a casa passou a ser sede do Centro de Preservação Cultural da USP e foi definitivamente aberta ao público em 2004. Desde então a Casa de Dona Yayá conta com uma diversificada programação gratuita e programas de visitação no âmbito das ações de extensão universitária.

A Casa de Dona Yayá foi reconhecida como patrimônio cultural por meio de tombamento pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo, em 1998, e pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo, em 2002.



Proposta do DPH para um museu do Bixiga na Casa de Dona Yayá, em 1981. Foto: Processo 21.955/1981. Tombamento de imóvel à Rua Major Diogo, 353. Acervo Departamento de Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura da Cidade de São Paulo.

RIQUEZA



os bens da família mello freire

Filha do fazendeiro, político e empresário industrial Manoel de Almeida Mello Freire, Yayá herdou, com a morte dos pais e de seu irmão, toda a fortuna da família.

A dimensão dessa riqueza pode ser compreendida por meio da análise do arrolamento de bens administrados pelo seu curador por ocasião de sua interdição, em 1919.

Dinheiro, ações, terrenos, propriedades rurais e inúmeros imóveis urbanos alugados na cidade de São Paulo compunham a riqueza herdada por Yayá. Como parte da tradicional elite paulista, a família de Yayá exibe em sua trajetória os traços comuns da formação desse patrimônio: café, ferrovia, indústria, imóveis e instituições financeiras formaram a base dos investimentos diversificados. Além disso, vê-se também as relações entre riqueza material e poder político. O pai de Yayá desde os 28 anos de idade exerceu a carreira política, dividindo seu tempo com os negócios.

Em Mogi das Cruzes, cidade natal de sua família, Yayá herdou uma série de imóveis urbanos, além de terras situadas na área rural.

Arrolamento de bens de propriedade de Sebastiana de Mello Freire 1919

São Paulo	
Tipo de bem	Descrição
Ações/ Títulos	- 150 apólices da dívida pública do estado de São Paulo de um conto de reis cada uma; - 140 letras Banco de Crédito Real de São Paulo; - 97 ações carteira hipoteca Banco de Crédito Real de São Paulo; - 98 letras de empréstimo municipal de São Paulo; - 114 ações da Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais; - 72 ações da Companhia Mogyana; - 200 ações do Banco do Commercio e Indústria de São Paulo; - 200 ações do Banco de São Paulo; - 30 ações da Companhia Industrial de Kiosques.
Dinheiro	R\$ 29:500\$000 (vinte e nove contos e quinhentos mil reis)

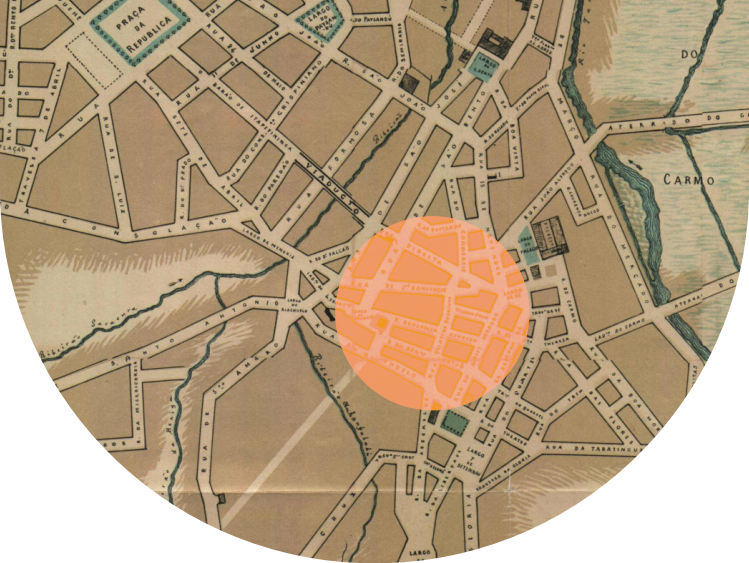
*Nesse momento os números dos imóveis eram definidos a partir do início da rua, com os pares do lado direito e os ímpares do lado esquerdo. Assim, o nº 37 correspondia ao 19º imóvel da rua do lado esquerdo.

São Paulo

Tipo de bem	Descrição
Imóveis urbanos: casas e terrenos em São Paulo	- Av. Rangel Pestana, 201, 203, 205, 207, 209, 211; - Rua Correa de Andrade, 2, 406; - Rua Piratininga, 59, 61, 63, 65, 67, 691; - Rua Campos Salles, 47; - Rua Visconde de Parnahyba 145, 244, 246, 248, 250; - Rua do Hippodrome, 333; - Rua 7 de abril, 35, 37*, 39, 41, 43; - Rua Bráulio Gomes, 1, 10, 12, 13, 14, 16, 18, 38, 40; - Av. São João, 266; - Rua Maria Antônia, 40.

Interior de São Paulo

Tipo de bem	Descrição
Imóveis rurais	- Chácara com casa R. do Socorro (Mogi das Cruzes); - Fazenda Parnahyba (Guararema).
Imóveis urbanos (Mogi das Cruzes)	- Rua Municipal, 83; - Rua Municipal, 86; - Rua Municipal, 87; - Rua da Liberdade, 1; - Rua Senador Dantas, 23; - Uma Capela.



negócios na indústria

Em 1890, o pai de Yayá fundou, junto com outros investidores, a Companhia Mercantil Paulista do Estado de São Paulo, assumindo o cargo de diretor-secretário. A presidência da empresa coube a Augusto de Souza Queiroz, também fazendeiro e empresário.

A Companhia Mercantil foi criada como uma sociedade anônima com a finalidade de produção de vestuário. No ano seguinte de sua fundação, em 1891, já tinha como encomenda a produção de fardas para o regimento da cavalaria. Tinha suas oficinas de alfaiataria na esquina da Ruas do Comércio com Rua da Quitanda e o escritório na Rua 15 de Novembro, no centro da capital, área que ficou conhecida como Triângulo, a colina situada entre os Rios Tamanduateí e Anhangabaú.

terras como investimento

A riqueza de Yayá em imóveis urbanos era constituída por várias casas de aluguel: 16 situadas no perímetro central da cidade de São Paulo e 22 na área chamada de “a outra cidade”, o bairro do Brás.

Isso tem relação com o fato de que, a partir do último quartel do século XIX, a propriedade privada imobiliária urbana passou a ter maior relevância na composição da riqueza.

Vários fatores contribuíram para isso, tais como: os altos e baixos da economia cafeeira; a crença na segurança dos investimentos em propriedade da terra; o seu estatuto jurídico depois que a Lei de Terras permitiu que os imóveis fossem usados como garantia de empréstimos. E, ainda, contribui para isso o grande crescimento demográfico na cidade, com aumento de assalariados, artesãos e comerciantes que criaram uma nova demanda por habitação.

ampliação do patrimônio imobiliário 1919-1961

A comparação entre os bens herdados por Yayá e os bens listados após a sua morte mostra como, em 42 anos de intervalo de tempo, multiplicou-se a riqueza imobiliária sob a administração dos seus curadores.

Dos 38 imóveis urbanos situados na capital paulista em 1919, o patrimônio de Yayá saltou, em 1961, para 69 casas, 2 edifícios de apartamentos e lojas, 13 conjuntos comerciais, e 1 terreno.

estratégia dos curadores

O aumento do número de bens imóveis de Yayá é resultado das estratégias utilizadas pelos curadores para garantir a valorização de seu patrimônio em função das diferentes conjunturas político-econômicas.

Em 1925, o curador dos bens de Yayá, Primitivo Sette, pediu autorização para construir 6 casas térreas, modernas, higiênicas, de pequena dimensão, para habitação operária no florescente bairro industrial do Brás. As casas seriam construídas em um terreno de chácara herdado por Yayá, situado na esquina da Rua do Hipódromo com Rua Conselheiro Justino, com objetivo de “aumentar o patrimônio da interdicta”.

No ano seguinte, em 1926, o curador pediu autorização para a segunda etapa de construção, com mais 10 sobrados. Projetou-se, também, a construção de um teatro que acabou não se viabilizando, apesar do rendimento do aluguel das casas ter sido planejado para isso.

Até 1940, portanto, com o mercado rentista em expansão, os curadores transformaram terrenos vazios herdados por Yayá, no Brás, em renques de casas para aluguel, usando recursos da venda dos automóveis, joias e títulos.

Com a Lei do Inquilinato de 1942, que congelou o preço dos aluguéis até 1964, desestruturou-se o mercado rentista. Assim, na impossibilidade de aumento dos aluguéis, os curadores passaram a vender os imóveis e reinvestir em novas aquisições em outros bairros.

Na prática, essa estratégia possibilitou ampliar os ganhos com os aluguéis, uma vez que a lei permitia fixar livremente o preço do aluguel para novas locações. Por outro lado, investimentos em outros bairros mais valorizados também resultaram na possibilidade de obter maiores valores nos aluguéis.

casa de aluguel como negócio

O investimento na construção de casas de aluguel, produção rentista, foi bastante atraente durante a Primeira República, segundo Bonduki (2011), por ser um negócio lucrativo e seguro, com baixos riscos; garantia de valorização imobiliária; aluguel seguia as regras de mercado, sem intervenção do Estado; incentivos fiscais dados pelo poder público, para a construção de casas unifamiliares conforme modelo de habitação econômica e higiênica.

Em 1920, a maior parte das unidades habitacionais da cidade eram ocupadas por locatários (79%), enquanto apenas 19% eram ocupados por proprietários privados.

As soluções habitacionais mais lucrativas foram a produção de vilas e de corredores de casas geminadas para locação, principalmente nos bairros operários.

O bairro do Brás também chamado de “a outra cidade”, cresceu junto à várzea do Rio Tamanduaí como lugar voltado a moradia de trabalhadores.

As primeiras fábricas se instalaram no Brás atraídas pela implantação de duas linhas férreas. a





SP Railway (1867) e a Estrada de Ferro do Norte (1877). Em 1890, o Brás se tornou a Freguesia mais populosa da cidade, com mais de 16 mil habitantes. Nos bairros a leste, Brás e Mooca, localizaram-se 8 das maiores fábricas da cidade, no começo do século 20: Cia Nacional tecidos de Juta; Regoli, Crespi e Cia, Tecelagem de lã de Antonio A. Penteado, Tecelagem Mariângela e Fábrica de Óleo Sol Levante, ambas fábricas de Francisco Matarazzo, Cia. Antártica e Cia. Mecânica Importadora.



Acima: Entorno das Indústrias Matarazzo, em 1954.
Foto: German Lorca, 1954. Acervo: MAM

Abaixo: Casas de operários no entorno da indústria Matarazzo, 1954, situadas no Brás. Foto: German Lorca, 1954. Acervo: MAM

geografia da herança imobiliária

A comparação das listas dos imóveis de propriedade de Yayá em São Paulo, de 1919 e de 1961, mostra mudanças no seu patrimônio. Essas transformações acompanham as tendências dos processos que ocorriam na cidade.

O primeiro exemplo é a ampliação do número de imóveis nos bairros operários a leste, entre eles, Brás, Mooca e Belém. Passou-se a 61 casas de aluguel, várias construídas como conjuntos ou corredor de casas geminadas.

Isso tem relação com a grande industrialização que se expandia a leste da cidade e ampliava, também, a demanda por moradia para trabalhadores. Nesse sentido, o mercado de construção de vilas e corredores de casas geminadas, voltadas para aluguel para os operários, se transformou em um grande negócio.

O segundo exemplo é o investimento em novos bairros e novos produtos do mercado rentista: as casas assobradadas e mini palacetes para segmentos de maior renda, profissionais liberais, comerciantes ou funcionários mais graduados de empresas. Esse foi o caso das casas adquiridas no bairro de Campos Elíseos.

O interesse dos curadores na aquisição dessas casas tem relação com a valorização dos bairros a oeste, como os Campos Elíseos, e o entorno da Praça Marechal Deodoro, considerado o cartão postal da cidade.



Em 1997 as casas das Ruas dos Pirineus, em estado de abandono, foram ocupadas pelo movimento Forum dos Cortiços e Sem Teto, que resultou no projeto piloto e no primeiro empreendimento do Programa de Atuação em Cortiços (PAC), do CDHU. O edifício Pirineus é um marco da luta por moradia no centro.

investimentos no centro

Constata-se, também, na comparação entre a lista de propriedades de 1919 e a de 1961, a redução do número de imóveis situados no perímetro central da cidade em função das vendas constantes e também de alguns desapropriados. Desaparecem as casas de aluguel que são substituídas por conjuntos comerciais do Edifício Veneza, na Rua Bráulio Gomes.

Como mudanças na cidade registra-se, a partir dos anos 1920, a verticalização na área central de São Paulo, com predominância de edifícios voltados a escritórios e atividades terciárias. Já nos anos 1940, as formas de morar no centro também mudam com as casas sendo substituídas por prédios de apartamentos e as chamadas quitinetes.



Esquerda: O palacete foi demolido e hoje ocupa seu terreno o edifício do IPESP. Ao lado, a Galeria Comercial Veneza. Ambos os edifícios tem saída para Rua Bráulio Gomes.

Foto: Kassio Massa, 2021/ Acervo CPC-USP.

Direita: Rua Sete de Abril, 2021.

Foto: Kassio Massa, 2021/ Acervo CPC-USP.



Vista aérea da Avenida Paulista e
Túnel Nove de Julho.
Foto: Werner Haberkorn, sem data,
possivelmente no final da década
de 40. Acervo: Museu Paulista USP.

os edifícios na região da avenida paulista

A estratégia dos curadores foi a de também investir em imóveis na nova centralidade dos negócios modernos, a Avenida Paulista e seus arredores. Tratavam de investimentos em um novo produto imobiliário: prédios de apartamentos, acompanhando a verticalização dos modos de morar.

São Paulo passou paulatinamente, durante os anos 1950 a 1970, por uma mudança de centralidade das atividades terciárias mais modernas que se deslocaram da área central para a Avenida Paulista e arredores. A avenida foi perdendo sua antiga condição de espaço predominantemente residencial e se transformou em destino de novos escritórios, bancos, cinemas, restaurantes, lojas sofisticadas e hotéis.

BIBLIOGRAFIA

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil:** arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo: Estação Liberdade/FAPESP, 2011.

COMISSÃO DE PATRIMÔNIO CULTURAL DA USP. **A casa de Dona Yayá.** 2. ed. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2004. (Caderno CPC)

LORCA, German. **A São Paulo de German Lorca.** Texto de José de Souza Martins. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/Secretaria Municipal de Cultura, 2013.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. **Juliano Moreira:** um psiquiatra negro frente ao racismo científico. **Revista Brasileira de Psiquiatria, São Paulo**, v. 22, n. 4, p.178-9, 2000.

RACHMAN, Sergio. **A interface entre psiquiatria e literatura na obra de Lima Barreto.** 2010. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, 2010.

SCHWARCZ, Lilla Moritz. **Lima Barreto:** triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SOMEKH, Nadia. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador.** São Paulo: Ed. Mackenzie/Romano Guerra, 2014

AGRADECIMENTOS

Arquivo Geral do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo | Arquivo Histórico Municipal de Mogi das Cruzes “Historiador Isaac Grinberg” | Arquivo Nacional | Arquivo Público do Estado de São Paulo | Arquivo A Cigarra/EM/D.A Press | Biblioteca Mário de Andrade | Biblioteca Nacional | Colégio Nossa Senhora de Sion | Departamento do Patrimônio Histórico - Prefeitura de São Paulo | Família Grant | Francisco Ornellas | Geledés - Instituto da Mulher Negra | Instituto Moreira Salles | Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo | Museu de Arte Moderna de São Paulo | Marly Rodrigues | Museu da Cidade de São Paulo | Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo | Museu Paulista da Universidade de São Paulo | Pinacoteca de São Paulo | Rubens Luiz Rufino de Lima | Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento - Prefeitura de São Paulo | Sérgio Rachmann | Sueli Carneiro | União de Mulheres do Município de São Paulo

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-Reitora: Maria Arminda do Nascimento Arruda

PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO

Pró-Reitora: Marli Quadros Leite

Pró-Reitor Adjunto: Hussam El Dine Zaher

CENTRO DE PRESERVAÇÃO CULTURAL

Diretora: Flávia Brito do Nascimento

Vice-Diretora: Joana Mello de Carvalho e Silva

CORPO TÉCNICO E ADMINISTRATIVO

Assistente de direção: Bruna Gabriela Elias

Analista de comunicação: Eduardo Kishimoto

Educadora: Maria Del Carmen Ruiz

Especialistas em laboratório: Ana Célia de Moura e
Gabriel Fernandes

Técnico administrativo: Dayane de Oliveira

Técnico de manutenção/obras: José Marcos Gonçalves



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PRÓ-REITORIA DE CULTURA
E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

cpc

CENTRO DE
PRESERVAÇÃO
CULTURAL-USP